

Crime e Castigo, a Evolução da Punição na Humanidade

O sentido comum de “fazer justiça” presente na humanidade enreda o uso da punição como processo de correção e repreensão aplicado à prática de algum comportamento indesejado. Ao infrator é proporcionado um estímulo aversivo ou então um estímulo positivo é retirado dele, para valer o raciocínio de Publilius Syrus (85 a.C – 43 a.C), de que “a punição chega rastejando ao mal para esmagá-lo”.

Desde o início da civilização, a privação da liberdade, tortura e morte, são amplamente utilizadas como formas de punição. Os métodos utilizados ao longo do tempo com esta finalidade são inúmeros e recorrem a elevados níveis de crueldade.

A palavra “cárcere” é usada desde a Antiguidade, tendo sido primeiramente empregada por gregos e romanos. Inicialmente, designava o local do circo, nas corridas de cavalo, onde os animais aguardavam o sinal de partida. Mais adiante, passou a representar a prisão, onde eram mantidos os delinquentes, os escravos e os vencidos de guerra. A mais antiga prisão romana é o Cárcere Mamertino, localizado no Fórum Romano. Além da reclusão, antigos gregos e romanos costumavam também castigavam seus infratores mantendo-os acorrentados por longos períodos de tempo.

Ainda na Antiguidade, os romanos possuíam escravos lutadores treinados, os chamados gladiadores, que eram colocados em arenas, como entretenimento ao público, para lutarem entre si ou com animais ferozes famintos até a morte. O principal palco dessas lutas era o Coliseu, eleito uma das sete maravilhas do mundo moderno.

Um dos métodos mais antigos de execução de criminosos, que vem desde o Império Persa e ainda é aplicado em alguns países como Singapura, Malásia, e inclusive em alguns estados dos Estados Unidos, é o enforcamento. Com frequência ocorrem falhas nesse procedimento, que levam o condenado a uma morte lenta por asfixia ou, em alguns casos, à decapitação. Dificilmente a morte é instantânea.

Outro método de execução, provavelmente também criado na Pérsia, embora amplamente utilizado pelos romanos antigos, foi a crucificação. O infrator era pendurado amarrado ou preso por pregos perfurantes, nos punhos e nos pés, a uma grande cruz de madeira. O peso das pernas gerava uma sobrecarga para a musculatura do abdômen, que ficava incapaz de exercer a respiração, matando o condenado por asfixia. Em alguns casos, o criminoso devia carregar a pesada viga à qual seria preso até o local da crucificação.

Os assírios empregavam a empalcação contra os inimigos derrotados em guerras e determinados tipos de infratores civis; esse tipo de tortura foi também utilizado por

diversas civilizações do mundo, sobretudo na Arábia e na Europa. A empalação consiste na inserção de uma estaca no ânus, na vagina, no umbigo, ou na boca do criminoso, a golpes de marreta, evitando perda de sangue para prolongar o sofrimento do infrator. A pessoa era mantida em agonia por horas, senão dias, até a morte.

Na Idade Média, foi consagrado o termo “penitenciária”. Fortalezas, conventos e castelos mantinham espaços para serem usados como prisão. O criminoso (ou *pecador*, já que a Igreja dominava este período da história) devia aceitar e, às vezes, até suplicava para ser preso para se purificar. Essa graça era pedida não só por questões religiosas, mas também para evitar as demais, diversas e atrozes, torturas punitivas existentes no período.

A execução na fogueira, característica marcante da Inquisição, era um castigo aplicado por traição ao rei, heresia e, principalmente, bruxaria. Nas fogueiras, vários condenados eram queimados simultaneamente. Quando as fogueiras eram pequenas, as pessoas se afligiam queimando, progressivamente, até a morte por perda de sangue ou ataque cardíaco. Porém, no caso de fogueiras grandes, ao contrário do que se imagina, as mortes ocorriam devido à respiração do nocivo monóxido de carbono, deixando a pessoa inconsciente antes mesmo que seu corpo fosse tomado pelo fogo. Ainda hoje este método de execução é praticado em alguns países, como a Índia e o Quênia.

Conta-se que um rei na Idade Média solicitou a construção de um boi, oco, grande o suficiente para armazenar uma pessoa, feito de material resistente a fogo, com uma ‘porta’ que só pudesse ser aberta por fora. Esse boi deveria, ainda, possuir uma acústica interna capaz de emitir sons parecidos com mugidos, quando alguém gritasse de dentro dele. A primeira vítima do boi foi o seu construtor, o qual foi trancado dentro do artefato mortal, durante sua exibição ao rei, e cozido vivo, divertindo os espectadores com seus mugidos desesperados. Inúmeras pessoas foram também cozidas vivas nesse período, colocadas em caldeirões sujeitos ao fogo, cheios de água, sebo ou azeite.

“A roda”, como ficou conhecido o instrumento fatal, também foi desenvolvida na Idade Média. O condenado era amarrado fortemente, pelas mãos e pelos pés, a uma grande roda feita de pedaços de madeira; em seguida, a roda era posicionada no pico de um morro elevado e empurrada, descendo o morro com a pessoa presa a ela. No decorrer da descida, a roda ganhava velocidade, no entanto o criminoso morria logo no início, tendo seu pescoço quebrado ao se chocar com o chão.

Nesse período também era utilizada a guilhotina e o “pêndulo”, que consistia em um enorme aparato, feito com uma lâmina presa a uma corda fixada a um tronco de madeira, mantido no alto em posição horizontal. A corda era solta para oscilar como um pêndulo, enquanto ia simultaneamente sendo abaixada, até chegar ao criminoso

que estava preso, deitado em uma mesa sob o pêndulo. O infrator, nesse caso, morria de ataque cardíaco acompanhando a lâmina se aproximando ou, se suportasse essa aflição prévia, era dilacerado pela lâmina.

No século XVI, surgiram as galés, navios que atuavam como prisões, onde os prisioneiros eram forçados a manter duras jornadas de trabalho, sem descanso, comendo mal e sendo chicoteados. Nessas condições, os presos morriam rapidamente. No princípio, eram condenados às galés aqueles que cometiam grandes delitos, porém com o tempo aumentaram as guerras e, conseqüentemente, mais remadores tornavam-se necessários nos navios e, portanto, cada vez mais, bandidos com delitos leves eram condenados às galés.

A prisão como meio de reeducação encetou em 1550, em Londres, com a *House of Correction*. Posteriormente, foram construídas duas casas correccionais, em 1595 e 1597, para homens e mulheres, destinadas a abrigar vadios, mendigos e prostitutas, sendo transformadas depois em penitenciárias.

Duas grandes personalidades: o italiano Cesare Beccaria e o inglês John Howard, concomitantemente à Revolução Francesa, clamaram a humanidade das prisões e afirmaram que a aplicação de uma pena só se justifica se ela produzir algum benefício moral ao infrator, e não apenas retribuir um mal com outro mal. Depois, em 1819, o inglês John Bentham enfatizou a importância da separação dos presos por sexo nos presídios e do recebimento de alimentação adequada, assistência à saúde, educação, vestimenta e higiene, além de ajuda aos presos liberados. Para Bentham, “toda a punição é maldade; toda a punição em si é má”. As idéias de Beccaria, Howard e Bentham levaram à formação dos Regimes Penitenciários Clássicos, que prosperaram a partir do século XIX.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os campos de concentração estabelecidos pelo regime nazista na Europa, aprisionavam os judeus, que realizavam trabalhos forçados. Alguns desses campos, principalmente um dos campos de Auschwitz, na Polônia, funcionavam como campos de extermínio, onde milhares de judeus foram cremados em grandes fornos ou asfixiados em câmaras de gás, sendo esta segunda técnica fatal ainda utilizada em alguns estados americanos.

Hoje em dia, a pena de morte ainda é aplicada na maioria dos estados dos Estados Unidos, na Guatemala e na maior parte do Caribe, da Ásia e da África. Em alguns países, como na Rússia, a pena de morte é legalizada, embora ninguém seja executado há um longo período de tempo.

Houve muitas melhorias com o passar do tempo, mas as penitenciárias no século XXI ainda fornecem condições deploráveis aos delinquentes e não os tornam reabilitados para o mundo fora do cárcere. São mantidos muitos presos em uma mesma cela, sob

grande promiscuidade sexual e de higiene, e o controle da segurança nos presídios também é relapso.

Com todas as punições empregadas aos criminosos ao longo da história, será que vale a frase de Ovídio: “que minha punição corresponda ao meu crime”? Provavelmente não. O que se pode certamente dizer é que as pessoas ainda buscam sentir prazer com a punição alheia e que a humanidade não atingiu um nível evolutivo moral suficiente para seguir Miguel Couto, professor carioca, que diz que “a maior punição do homem é o remorso”.

REFERÊNCIAS

– Máquinas Mortais, documentário do Discovery Channel

– Páginas da Internet:

<http://edself.blogspot.com/2009/01/metodos-de-execucao-na-idade-media.html>

<http://tortura.wordpress.com/category/metodos-de-execucao/>

<http://www.sitequente.com/frases/punicao.html>

<http://www.taps.org.br/Paginas/violartigo09.html>

Ariadne de Andrade Costa